

27/6/68  
Tracacabui  
3 = feua

e cedo fe. Facil adozemur  
dany embe ferserer deitodo  
ue feur da pazuea adicee a  
A fera de feua ser feunor lo  
e feun religio. Azeta ua  
- Los pedacemur a feun fe  
- ellado de Casca de uddi-  
- cled de gorre 2 feunor  
- canuauelo diu d eaderuc  
- esa de pau e geco de  
- ica. Fuboliceeete aclei un  
- zavar os depiciceetes de  
- ueua luez. A ueun fereue du-  
- uer. Caci. Peetacaelegue  
- eta ueueeta. Roca de feue  
- A aldea pod 2, casca b/2  
- ues. Carapere e casado e  
- ra e teue ueuee bobe e laka  
- clo de ueue rapoz de 15 uos  
- varado quee sbuda olela  
- lo e abides a feue e ueua  
- pauem' cadar edue + ueua  
- palante, quee e' lipotacudria  
- ueger - su ueuete/ qeatare s/  
- uete dos iudiz befarum  
- becedu doua Juee, Uluuue  
- e receptivo e apacim' ja'.  
- de ole canuuzd. Canuuz e  
- lo' saber de ole uauas  
- esse - lo a Dade. Gose feun  
- re a spavar. Dependu de

# DOCU

Auguste  
pente de  
ua repde  
tazeta k  
oue pbea  
capueta  
calor de  
ra; pari  
quiddza  
le pau  
d'ere e  
epcar  
Fordya e  
faute a  
ueblada  
e ueuee  
Dreper  
Deuee  
quee feue  
pue feue  
e/ ueue  
u. Car  
outra u  
co e cle  
reberad  
quee ueu  
10 Carap  
2 x local  
bela que  
ceue vps  
talvez e  
canuuz e

tree e a sgarde cocerete. Na casa  
eu, o estabillador na casa  
eiler, eue Alfauera oude  
quã de uigula crenog  
baterios de lobe. E uode  
re Cocce, e lenda, passar  
co inde de Orem de unerio  
bedos e falante e unuaya  
la uueudo carado ua Aelia  
eue adlasteresta UaCaro  
3. Sg abue, o luar ero  
ata, e la Luz que prouro  
elo refreclate k, Tenor  
Tabor e Deuido  
Kolo, e cuprar  
hem cduenos.



# mentos

de las ce  
DeoXauu  
de ueeu  
Deeu Lee  
recaar  
ueve-3  
a Coc  
a Mar





# **O Cinema também é uma indústria\***

NOVAIS TEIXEIRA

*O Estado de São Paulo* (1971)

\* Nesta seção procuramos manter a grafia conforme o original.

PARIS, junho (Via “Air-France”) – A frase não é nossa. É nada menos que de André Malraux. “O cinema é uma Arte e, aí de nós!, uma indústria”. Já a disse Malraux há muitos anos. Mas depois teve ocasião de enfrentar essa verdade quando foi ministro das Relações Culturais, do qual depende o cinema francês.

Vem isso para dizer que foi feliz a iniciativa do Instituto Nacional do Cinema destinada a promover, durante o último Festival de Cannes, a venda de filmes brasileiros. Fôssem quais fôssem os resultados obtidos, a iniciativa deve ser prosseguida com as correções de pormenor que uma primeira experiência sempre impõe. Mas o princípio está certo. Tanto mais que é campo aberto a todo o gênero de filmes, sem a preocupação primordial dos rigores de compostura obrigados por uma participação, em concurso, de caráter oficial, o que envolve implicitamente o nome do país.

Dos 56 filmes brasileiros levados ao mercado do filme, os três que bateram o recorde de venda foram “O Donzelo”, de Stefan Whol, “Memórias de um gigolô”, de Alberto Perialise, e “Como era gostoso o meu francês”, de Nelson Pereira dos Santos. E é interessante notar que a dois filmes despreziosos, lançados à bilheteria sem preocupações de maior vulto, se junta uma realização de um dos melhores cineastas brasileiros, que há de ficar registrada na História do Cinema do Brasil. Também não era esse o objetivo dos dois primeiros cineastas.

A verdade é esta: só se faz indústria com os filmes que se vendem e, para vender filmes, não é condição “sine qua non” aspirar às honras da História né, ainda menos, recusá-las. O essencial é que cada qual se ponha em seu lugar. Não é, pois, com filmes como os dois primeiros do recorde de Cannes que se escreve a História, mas, sim, que se faz uma indústria. Enquanto Nelson, sem se sentir, está fazendo História e Indústria, ao mesmo tempo. Uma coisa não impede a outra, e nem todos nascemos fadados para os grandes destinos. Evidentemente que não seria recomendável ir ao encontro dos bons resultados comerciais pelo caminho da degradação. Como também não seria de recomendar insistir no caminho de nossas preocupações culturais ou particularismos individuais quando nos falta o jeito de encontrar um público.

Quando atrás dissemos que Nelson, sem se sentir, está fazendo História, é porque um dos maiores atrativos de “Como era gostoso o meu francês” é a simplicidade, acrescida de muita cultura assimilada, de fantasia, humor e poesia. O gosto pelas boas coisas sai daqui dignificado.

## Andrea Tonacci

Eis o caso de um rapaz alérgico à degradação que não procura o comércio e que o encontrará fatalmente, tal o poder de comunicação imediata de seus filmes!

Como todos os traumatizados que sofrem de abafamento, saem muito naturalmente a Tonacci os títulos guturais: “Blá-Blá-Blá” e “Bang-Bang”. São os dois filmes que dele vimos. Também com seus 27 anos não teve ainda tempo para fazer muito mais. O primeiro foi logo solicitado para o Festival de Berlim; o segundo, para Mannheim. Outra das vantagens de mostrar filmes no âmbito dos Festivais!...

Tonacci é uma das notas mais pessoais e originais do panorama do cinema brasileiro. Fora do Brasil também ninguém tocou ainda essa nota com tanto requinte e magia. Cineasta de bossa e natura, tudo lhe sai de dentro com aquela espontaneidade exuberante das coisas que se pensam, meditam e congeminam. Depois é só saltar e seja o que Deus quiser!... Deus ajuda sempre os conscientes do gênero. Tem também cultura Andrea Tonacci. “Bang-Bang” é uma mescla de Mack Sennet, chanchada nacional e comédia dell’Arte. Ninguém se chama Tonacci em vão... Ora, a chanchada é um genero perfeitamente permissível contando que não seja cultivado por um “chanchadeiro”. E não é esse o caso do jovem cineasta!...

E depois sabe das artes da tauromaquia como ninguém. Desafia o touro e, ali onde a fera marra, sai-se elegantemente com uma “larga torera”. Um pandeiro em cada mão. Um que soa e outro que não soa, e o que não soa, soa mais que o primeiro. Coisas do milagre que esse milagreiro que é Tonacci comunica à perfeição. Delicado e perspicaz, com o pudor da própria tristeza, junta no estilo a alegria ao desespero. Nunca o amor amargo se expandiu com tanto humor e sabor. Nos tempos de Dracon, o legislador severo de Atenas que escrevia com sangue, Tonacci, um mediterraneo, afinal de contas, teria sido um virtuoso que as coisas implícitas seriam bem mais claras que as expressas.

Não descuidem este rapaz. Tem talento que se farta!

Falamos também de desespero. É do dever de todos nós não deixar desesperar esta classe de gente!... Dar-lhes sobretudo confiança.